

Profissionais não falam de seus problemas

Segundo o psicanalista Geraldo Kikoler, o médico, por um desvio na formação universitária — tecnicista por excelência — tem dificuldade em falar das suas próprias dificuldades. Daí não ser raro a ocorrência de doenças de fundo psicossomático, como úlceras e crises hipertensivas. Há dois anos Kikoler tem coordenado um programa, baseado em técnicas psicoterapêuticas, destinado aos profissionais que tratam pessoas com Aids ou soropositivas nos três centros municipais de saúde da Zona Sul.

Esses profissionais, explica Kikoler, tendem a ter problemas

psicossomáticos porque a doença — que inevitavelmente leva à morte — provoca nos médicos uma sensação de impotência e fracasso que se choca com a postura onipotente que adquirem na universidade.

Mas é a emergência, hoje, que reúne o maior índice de profissionais estressados por metro quadrado de todo o Rio. E o menor tempo médio de permanência: dez anos. No Hospital Miguel Couto, o percentual dos que trabalham há mais de dez anos na emergência não chega a 20% do total. Dos 20 médicos que foram transferidos para a rotina, nos últimos três anos, 14 não tinham mais condições psicológi-

cas de dar plantão, conta o diretor da unidade, Paulo Pinheiro.

Apesar de serem especialistas em regras para uma vida saudável — que ditam para os demais mortais, seus pacientes — são incontáveis os médicos que ainda fumam, mas escondido. Raro, porém, é achar alguém que admita beber além da conta: médico quando bebe, é escondido ou entre seus pares, confia um médico entrevistado. Na pesquisa da Uerj, um estudo sobre mortalidade revelou, porém, que dos 29 médicos falecidos entre 1986 e 1990, quatro eram alcoólatras, cinco estavam em tratamento psiquiátrico e 17 eram hipertensos.